

DOMINGO, 19 DE NOVEMBRO DE 2000

eleição presidencial

Sobre nomes e surpresas

WILSON FIGUEIREDO

Tudo pode acontecer, inclusive nada. Era nesses termos que se formava a expectativa política no começo dos anos 60 toda vez que se produzia tensão parlamentar ou militar. Os fatos pareciam mover-se acima da capacidade de dar-lhes solução duradoura. Tudo podia acontecer de uma hora para outra, mas não acontecia. A cada crise sob a Constituição que ninguém se arriscava a reformar, o desfecho indesejável parecia apenas adiado.

Hoje nada parece acontecer, na avaliação do insatisfeita classe média. Tudo se concentra em eleição. Mais do que um modo bem humorado de referir-se à crise, a solução mais à mão no passado dizia respeito à parte de cima da sociedade — que tem mais a perder do que a parte de baixo. As crises acabavam resolvidas mediante reacomodações ministeriais e nomeações para lugares bons para nada fazer. Acabou acontecendo exatamente o que mais se temia.

Desautorizada a Constituição, não havia mais como respeitá-la. Tudo se tornou permitido. As previsões sombrias deram razão aos pessimistas, que acertam com mais frequência do que os otimistas, e nem assim se beneficiam. Em seu favor reconheça-se que não podem ser acusados de prever por interesse próprio. Nada sobra para pessimistas, exceto o reconhecimento de que acertaram. Tudo podia acontecer, inclusive o pior? Foi exatamente o que ocorreu, embora se dissesse com alegre leviandade — para extravasar a enorme tensão política — que tudo podia acontecer mas nada em definitivo. As consequências seriam passageiras.

Desde então se sabe que em política, principalmente, só se engana quem quer ou precisa. O que não pode é haver surpresa previsível, sob pena de se desacreditar perante a opinião pública. É recomendável, em política, reconhecer a surpresa com antecedência e ficar de pé atrás ao primeiro sinal de aproximação.

A sucessão presidencial está sendo conduzida pela oposição de forma a reduzir os imprevistos ou, sendo impossível excluí-los, prevenir os interessados e atenuar as consequências. A oposição não tira o olho de dentro do governo, que lança pistas falsas e joga com vários candidatos, sem confirmar nenhum. Se escolher um, desagrada os demais, e o governo já tem desafetos suficientes, não precisa de mais. Não há pressa em dar a perceber preferência por um deles e utilizá-lo como pré-candidato. Impossível saber como andará o governo daqui a um ano.

Todos os que estão fora do poder, ao contrário, gostariam de que o tempo andasse mais depressa. Do lado de dentro do governo, a sensação é de que o tempo corre de forma imprudente. A oposição comporta-se como se fosse tirar o pai da força. Não se fala em candidatura única porque, com dois turnos, ninguém abdica de tentar no singular a sorte no primeiro. Um olho no governo e outro nos aliados, é assim a oposição. Diariamente o assunto volta à consideração dos que conferem os nomes ao câmbio político do dia. Uns se fazem lembrar, outros não se deixam esquecer. As pesquisas de opinião servem tanto aos candidatos quanto a quem interessar possa, principalmente os financiadores de campanhas que não têm pressa e gostariam de ficar para o fim. A peça é a variação da mesma história sujeita a surpresas que quebram a rotina.

O segredo da democracia é criar interesse onde a monotonia seria mortal. Não é por acaso que os Estados Unidos acabam de dar uma demonstração edificante na disputa de dois candidatos iguaizinhos, que fizeram o diabo para se diferenciarem um do outro e não conseguiram. São candidatos xifópagos que acabaram transferindo a questão para a lei porque não há outro meio de resolverem a parada pelo voto.

Pesquisas podem atenuar surpresas que costumam ser desagradáveis. É cada vez maior o número de dependentes de pesquisas. A última eleição foi sortida de surpresas sem sentido conclusivo, nem por isso menos desagradáveis. A maior de todas — sem demérito para as demais —, pelas consequências imediatas, ocorreu no Rio. Os institutos de opinião pública desconfiaram mas preferiram não arriscar sua credibilidade. Erraram. A surpresa emitiu em tempo sinais interpretados ao contrário. Foi fatal. César Maia estava certo da vitória mas qualquer candidato considera-se vencedor. Houve surpresa para o eleitor mas muito mais para Luiz Paulo Conde, refestelado na preferência que vinha desde o começo da campanha. Foi contraproducente o patrocínio do governador Garotinho, que só reconhece a derrota do prefeito. A dele, não. Estiveram juntos mas com separação de derrotas.

Luiz Inácio pareceu caso clínico depois da segunda derrota para Fernando Henrique: complexo de inferioridade eleitoral por culpa de reeleição. A diferença, porém, não foi com a reeleição e sim com o reeleito. Continua de olho no lugar de Fernando Henrique mas nem fala em extinguir a reeleição. Lula se refere a ele próprio como se fosse outra pessoa. Há sempre dois Lulas para as ocasiões. Um só é pouco.

Surpresas não podem ser previsíveis sem prejuízo do seu próprio prestígio. Perderiam o respeito da sociedade de fizessem acordo com candidatos. Acabariam fazendo um pacto com os institutos de opinião pública, que ganhariam larga margem de erros, e elas se concentrariam nas eleições, sem abusar.